



Da estranha força que nos faz escapar: um ensaio sobre o livro *Performatividades Reguladas: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação*, de Marcio Caetano

Carlos Henrique Lucas Lima¹

Livro resenhado: CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação*. Curitiba: Appris Editora, 2016.

O livro cujo nome aparece no título desta resenha-ensaio, de autoria do professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Marcio Caetano e publicado pela editora paranaense Appris, é, sem medo de ser hiperbólico, uma das publicações mais auspiciosas no amplo campo dos Estudos de Gênero e Sexualidade editadas no ano de 2016. Redigido em um estilo que flerta com a escrita literária, *Performatividades Reguladas* se parece menos com um livro acadêmico – no pior sentido que esse termo pode adquirir, e muito mais com um livro de literatura que lemos relaxados em uma cômoda cadeira ou poltrona antiga. Além do estilo, que não seria pouca coisa, o livro é maior do que isso: ao problematizar a produção dos corpos e dos gêneros por meio do que o autor nomeia “tecnologias” escolares, em especial os currículos – mas não só eles, a publicação contribui enormemente para o debate candente que se faz atualmente sobre o papel tanto da escola quanto do/a professor/a no cenário social. *Performatividades Reguladas* consegue, por fim, o que poucos senão pouquíssimos livros conseguem: manter o/a leitor/a atento/a ao longo de todas as suas páginas.

É um livro, então, que, de cara, nos atrai por seu estilo, pela forma como o autor, tal qual um artífice de símbolos e caracteres, molda as palavras, produzindo sentidos, tal qual a boa literatura, inesperados. Surpreendentes. A boa literatura, dizem os críticos literários,

¹ Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor Adjunto A na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Coordenador do Programa de Extensão, MEC/PROEXT 2016-2017 “Re(ex)istência LGBT”

precisa surpreender o/a leitor/a. Precisa, mais do que isso, provocar, como gosto de dizer, sismos, digamos assim, não só nos sentidos, como, ainda, na própria epistemologia, quer dizer, na forma como nos apossamos do mundo e das coisas que nele há, quer dizer: um bom livro precisa, inevitavelmente, mudar, em alguma medida, a forma como apreendemos a “realidade”, mesmo que ela seja posta em suspenso pelo caráter discursivo – e, portanto, construído, mas não menos concreto – dos discursos.

Quero seguir, assim, neste breve, mas não menos cuidadoso texto, no comentário, em um primeiro momento, mais estético de *Performatividades Reguladas*, para, logo em seguida, discutir as noções que subsidiam as reflexões de Caetano. Ao fim, pretendo evidenciar a robusta contribuição para os Estudos de Gênero e Sexualidade que a publicação acarreta, destacando que, indubitavelmente, este livro se firmará como texto basilar nas discussões sobre escola, docência, ideologia e os estudos de gênero e sexualidades. Pra quem deseja discutir sobre a famigerada “ideologia de gênero”, tão em voga ultimamente, o livro de Caetano é leitura obrigatória. Aliás, sobre esse ponto, valeria outro texto. Por ora, contudo, preciso é dizer que as personagens que dão vida ao texto do professor da FURG são vivas, de carne, sangue e ossos; elas estão vivas e, por esse mesmo motivo, são elas comprometidas. E é essa característica que faz com que *Performatividades Reguladas*, para além de toda a contribuição que traz ao campo da Educação e dos Estudos de Gênero e Sexualidades, se apresente como um livro espetacular e muito útil: porque chama a atenção para o fato de que não é possível uma escola sem lado, sem partido, isto é, sem ideologia. Mais uma vez: as personagens do texto de Caetano têm projetos políticos de transformação das realidades educacionais em que se encontram. Um(a) agem ativamente, outras enviesadamente, como que por apenas existirem na escola, com seus corpos “estranhos” à normalidade daquele espaço normalizador por excelência, fissuram tudo aquilo que se queria normal, sólido, estável. São, por fim, personagens que nos ensinam a compreender a escola e a educação como movimentos, e não como monumentos.

Nossas vidas são telas de representação

Em *Performatividades Reguladas*, texto baseado na tese de Doutorado de Marcio Caetano pela Universidade Federal Fluminense junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, o texto, e para ser mais exato, o *discurso*, ou melhor, as narrativas de vida ocupam um lugar privilegiado. São elas, na compreensão do autor, que, tal como roteiros de um filme, dão



sentido as nossas vidas, personagens que somos em uma peça cujo título e autor, para o bem ou para o mal, desconhecemos. No livro de Caetano, as personagens são educadores e educadoras, pessoas sexo-gênero dissidentes que, conforme se pode observar e que fica evidente na publicação, ora se aproximam ora se afastam, e muito, dos ditames dos regimes de regulação da vida, a saber: a heteronormatividade e, conceito caro a Caetano, o androcentrismo.

Essas personagens, que Caetano, como um demiurgo renomeia com nomes de entidades das cosmovisões yourubana, tupi-guarani e grega, mostram-se, como se diz na crítica literária, “redondas”, profundas, enfim, complexas. São, efetivamente, vidas. Pessoas. Das páginas saltam travestis, transexuais, professores gueis, professoras lésbicas e outros sujeitos que, em alguma medida, se colocam frontalmente à heteronormatividade e que escapam as fronteiras definidas pelas identidades. Elas são pessoas rizomáticas! E não só, mas, como telas, mostram um corpo em dessintonia com a heteronormatividade, mas, e, sobretudo, conscientemente se engajam em um ativismo cujo objetivo, assim nos mostra Caetano, reside na árdua destituição da heteronormatividade e de outros regimes de destituição da vida. E para seguir na metáfora das telas de representação, as personagens que nos são não apenas apresentadas por Caetano, mas especialmente *produzidas* por ele não compõem um filme pronto, terminado, findo: elas conseguem surpreender até mesmo o autor do texto, reescrevendo-se a cada parágrafo, página e capítulo do livro. São, para utilizar o repertório crítico-teórico pós-estrutural que permeia toda a reflexão de Caetano, moleculares, e não molares, não fixas, não duras, porém maleáveis e, mais do que tudo, surpreendentes.

Mas eu prometi que, por ora, me deteria mais na questão estética de *Performatividades Reguladas*. Disse, no início deste texto, que o livro de Caetano nos tira, como os bons livros, da normalidade, quer dizer: provoca sismos, coceiras, inquietações. E isso, de maneira alguma, é ruim: ao contrário, é um texto que nos obriga, ao tempo em que nos encanta, a cuidar as vírgulas, os pontos, a cadência dos períodos, enfim, toda a teia discursiva que revela variadas e interessantes histórias de vida. É isso: o livro de Caetano, arrisco dizer, interpela e ultrapassa o mero registro, no mais das vezes seco e duro, dos gêneros acadêmicos. É, ele, não diria que uma fundação, mas uma reinvenção nas formas como nós, acadêmicos e acadêmicas, lidamos com nossas fontes e, mais importante, com os sujeitos participantes das pesquisas que realizamos. Caetano implica-se com os sujeitos da investigação e os trata com respeito... prova disso é a forma como trata a delicada situação de vida de Logun Éde.



Na escritura de Caetano, as personagens que lá estão não são frios nomes pintados de preto no branco papel. Os parágrafos, não são blocos compactos e (quase) inexpugnáveis. O texto, ao contrário disso, é permeável, leve, poroso: re-ve-la-dor, sim, assim mesmo, com todas as sílabas, ditas bem abertas e em alto e bom som. É um livro que mostra muito, que não se ressentido de sua falta de pedantismo.

Para encerrar esta seção, vale dizer que Caetano, em *Performatividades Reguladas*, apresenta suas personagens – que agora são nossas, são do mundo – como telas: os próprios corpos de Nu, Tiresia, Jaci-Quisaña, Logun Edé e Jacinto, personagens do livro, mostram, em si mesmos/as, a forma como os gêneros e as sexualidades, bem como a heteronorma e o androcentrismo, se instituem. Mas, além disso: como brilhantes telas quase que de televisão ou de um *smartphone*, essas personagens inscrevem, em si mesmas, os significados, por vezes, tortuosos, pelos quais os regimes de poder coercitivamente as conduzem. Como dito pelo autor em diálogo com a antropóloga-feminista Marcela Lagarde “Nossas vidas são verdadeiras epistemologias”: elas comprovam a veracidade de nossos conhecimentos feitos. E quem nos conduz nessa sessão no mais das vezes bela e interessante, assombrosa diria eu, é Caetano, o qual, não é pouco lembrar, é mais que um autor: se apresenta ele como o narrador, ou, como anteriormente disse, um demiurgo, um feitor de mundos por meio da palavra.

Da estranha força que nos faz escapar das normas

Guacira Lopes Louro, cuja apresentação é dispensável e que, isso sim é preciso dizer, participou da Defesa da Tese de Doutorado de Caetano cujo trabalho avaliado e avalizado deu origem a *Performatividades Reguladas*, nos diz, em reiterados de escritos seus, que “os corpos escapam”², ou seja, que, a despeito das investidas dos regimes de poder, os “corpos abjetos”, nas palavras de Judith Butler, seguirão existindo, continuarão se proliferando, para alegria de uns e umas, partidários do pluralismo, e para o desespero de tantos e tantas outras, fiadores do fascismo que não mais espreita, mas que, infelizmente, e mais do que nunca em nosso tempo, mostra os dentes feroz. Na esteira de Guacira Lopes Louro, Marcela Lagarde, Norma Brazquez Graf e tantas outras potentes feministas latino-americanas citadas no texto, Caetano mostra nas páginas de seu livro corpos que se negam a seguir os clamores da heteronorma e do androcentrismo. São corpos e

² Disponível em:

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao_infancia_e_juventude/Mesa_Redonda/02_38_25_m58-289.pdf. Acesso em: dezembro de 2016.



subjetividades rebeldes, irreconciliáveis com a violência que tem medrado, não sem arranhões, nas instituições e, em especial, nas escolas brasileiras.

Muito embora, como antes mencionei, Caetano tenha o cuidado, e, é preciso dizer, a justeza de dizer que, nem sempre os corpos “abjetos” se oporão às normas, mas às vezes a elas se aliarão, talvez no desejo de serem aceitos socialmente, as personagens do professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na maioria da narrativa, se mostram como extremamente valentes e dispostas a desafiar a ordem sexual e de gênero do presente, seja com seus corpos e, o que é mais caro ao pesquisador-narrador Marcio Caetano, as tecnologias educacionais, notadamente os currículos.

Heteronorma e androcentrismo

Senão a maior, pelo menos muito relevante no texto de Caetano é a proposição que faz ele da necessidade de as pessoas que trabalham com gênero e sexualidade não privar de suas pesquisas e análises a relação quase que siamesa entre a heteronormatividade e o androcentrismo. Para Caetano, este conceito se associa com aquele na medida em que o androcentrismo, mais do que apontar para o governo do homem por sobre a mulher, evidencia o imperativo, regido pela heteronorma, de que o homem deve, inevitavelmente, exercer poder sobre o sexo “oposto”, sobre crianças, sobre os mais fracos e, o que é mais agudo na análise de Caetano, sobre si próprio, como que em um superego a regular o corpo e a subjetividade do homem.

É um texto, o de Caetano, conceitualmente denso, mesmo que, como anteriormente disse, flerte com a escrita literária. O que não seria uma contradição. Absolutamente. Ao contrário: negociar uma linguagem ao mesmo tempo literária e uma outra, mais dura, intrincada e conceitualmente irreparável, é uma tarefa bastante difícil na qual, felizmente, *Performatividades Reguladas* se saiu muito bem.

Mas retornando aos conceitos manejados por esse que é Professor Adjunto no Instituto de Educação da FURG, uma universidade localizada na borda do Brasil, em seu Extremo, quase que no Uruguai, vemos nas reflexões, que mais se assemelham a inaugurações teóricas de Caetano, um desejo de descolonizar não apenas o modo como se faz uma tese de Doutorado (vida os títulos dos capítulos, por exemplo, e o próprio estilo do texto, como já referido), como, ainda, o profícuo diálogo com autoras e autores da América Latina e de fala espanhola. O Feminismo Latino-Americano, notadamente aquele que ele conheceu no México durante sua estada de



Sanduíche, povoa alegremente as páginas de *Performatividades Reguladas*. É um convite, o livro de Caetano, para que nós, pesquisadores e pesquisadoras, nos esforcemos para romper a colonialidade do saber que teima em dar o tom de muitas reflexões feitas em nossa Academia.

Ser pró-feminista, para Marcio Caetano, sobretudo em um tempo em que há uma disputa, a meu ver no mais das vezes infrutífera e produtora de feridas irreparáveis, entre quem pode falar o quê e em quais lugares, significa, para ele, um homem não-transsexual, mesmo que guei, abrir mão dos privilégios que a masculinidade, muito embora a contrapelo, lance, quase sempre violentamente, por sobre todos os homens. É, mais do que isso: não desejar exercer o governo sobre o corpo do outro – do Outro... da OUTRA. Ser pró-feminista, para o autor de *Performatividades Reguladas*, não é “solidarizar-se com as mulheres”, com “sua dor” etc., frases que cotidianamente ouvimos por aí, como que em mantra; é, sim, rechaçar, insistente e inabalavelmente, o lugar que para o homem a heteronorma e o androcentrismo gestaram visando à manutenção do estado atual de coisas.

A escola: lugar de fracasso?

Por fim, e em diálogo direto com o título da obra de Caetano, *Performatividades Reguladas*, é preciso dizer que, como ensinou Butler, são, os gêneros, produzidos por meio da repetição, quer dizer, daquilo que Jacques Derrida chamou, conceitualmente, de “citacionalidade”. Mais especificamente: nossos gêneros, e diria mais, até mesmo nossa corporalidade, são *efeitos de discursos* performativos, isto é, que ao invés de tão somente descreverem aquilo que nomeiam, terminam por, ao final, produzir aquilo que enunciam. Então, as personagens de Caetano são, como não poderiam deixar de ser, produzidas, elas são *fabricadas na cultura*, ou melhor: por meio do que Caetano chama “movimentos curriculares”. E não apenas o currículo visível, aquele presente nos planos de educação, nos programas, nos exercícios, nas atividades, mas, e, sobretudo, nas brincadeiras, na disposição das carteiras, nos conteúdos que são *selecionados* pelas escolas e secretarias de educação e, mais incrivelmente, até mesmo na arquitetura do espaço escolar.

As identidades, dessa forma, de professores e professoras, de alunas e alunos, enfim, de toda a comunidade escolar, e mais especificamente, das personagens de Caetano em *Performatividades Reguladas*, são o resultado da ação de uma série de tecnologias educacionais pensadas para, como afirma o título da obra, *regular*, isto é, formatar e enquadrar. Mas, como afirmei no início deste texto, por uma força estranha, por algum motivo que não sabemos (ainda)



explicar, os corpos seguem escapando. As performatividades, mesmo que reguladas pelos regimes de poder, não poucas vezes livram-se da vigilância dos censores dos desejos, dos agentes de fronteiras, e escapam, proliferam-se pela vida causando diferença. Espanto. E, como nos mostra o livro de Marcio Caetano, esperança. A escola não é, então, um espaço de inevitável regulação. Suas personagens belamente deixam patente que a invenção de formas de estar no mundo, cujo potencial se está ainda por verificar, é abundante por entre os muros da escola.

Por fim, e não menos importante, é o Prefácio do livro que foi assinado pela professora emérita da Universidade Federal Fluminense (UFF), Regina Leite Garcia. Talvez tenha sido o Prefácio deste livro sua última publicação, considerando que a educadora faleceu dias antes de seu lançamento. É com Regina Leite Garcia que quero terminar este ensaio-resenha: “Futuros leitores e leitoras do importante livro de Marcio Caetano, que cada um/uma faça a sua leitura, espero, com o mesmo prazer que fiz”.

